

A arte contemporânea desloca as certezas sobre arte. Mais de 70 anos depois, a sensação parece ainda ser a mesma para o público. O que faz o artista? Beleza? Crítica? Política? Por fim, onde está a artista aqui? O que é arte, pesquisa acadêmica ou ações políticas? Não é o que é. É e não é. É e também é. Sobretudo, Laura Burocco grita que o artista está atento. É, o que entre outras coisas, pode-se dizer que o artista faz. Estar atento para o mínimo, que parece quase abstrato. Se aplicar com obsessão pelo microscópico que no encontro com a obra “pronta” parece que sempre esteve explícito.

A obsessão que faz surgir a obra “pronta” é um trabalho manual, de seleção, articulação, refinamento e de encontro: com o vivo, o morto e o que não está ali. A operação de delicada que se estende por 6 anos, que se atualiza e continua. É uma atuação sobre espaço, mas sobre tempo. Sobre a percepção. Sobre perder e retomar contato com o real. Sobre duvidar e convidar a duvidar, a ponto de ultrapassar os limites civilizados e coagir a duvidar. Você tem certeza sobre o que vê? Ou sobre onde está? Ou sobre o que estava aqui? O sobre o que está aqui? Ou das relações que conectam você com o que está aqui?

Esta grande instalação parece, à primeira vista, que desmascara. Também o faz. Mas, para mascarar novamente com a forja que conscientemente se escolheu. É o que tira a pesquisa de Laura do campo acadêmico para se tornar arte. Ela age sobre o agora e no agir desperta que esta ação pode e deve ser repetida, porque o passado só pode ser pensado no agora. Todo agora deve reescrever o passado. Todo agora deve projetar os próximos e isso só pode acontecer duvidando a partir deste agora.

É a partir da cidade que Laura inventa. Talvez o maior objeto de materialização das relações humanas. Que é, ao mesmo tempo, onde elas acontecem. Desde a importância da origem ocidental na ágora grega da antiguidade clássica até o incômodo das multidões sem destino dos últimos séculos. Mas, especialmente, das obras monumentais que manejam a cidade e as vidas através do planejamento urbano, que constrói, destrói e constrói de novo.

Com o fenômeno repentino das redes sociais na última década e suas atualizações, assim como com a elaboração de espaços para não segmentar a habitação e a circulação, as relações humanas cada vez mais ocorrem trancadas em paredes. Do estudo ao trabalho. A técnica vai sendo adaptada para servir ao projeto hegemônico de mundo. A presença da ágora grega no imaginário como quase um mito fundador da democracia impossível, que elege poucos como cidadãos, pode ser revertida para mito fundador da política. Política se faz na cidade porque sem encontro, sem corpo a corpo, não há política.

A luta bem sucedida pela criação de espaço na sociedade por engendrar pautas indiscutíveis anteriormente - quando tudo se resumia à esquerda e direita - parecem ter nos relaxado. Especialmente com as boas novas anunciadas nos últimos anos. A interrupção brusca para a chegada deste futuro tão esperado nos pegou desprevenidos e a reação parece quase impossível. A técnica deve ser reapropriada pelo trabalhador que a produz, mas, talvez, ela não possa ser a única alternativa. Definitivamente, o artista não pode mais trabalhar só e talvez não seja um acaso que se diga que eles estão à frente de seu tempo.

Daniele Machado

Curadora

Rio de Janeiro, Julho 2019